



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA. PARFOR**

**GILVÔNIA LIMA RAMOS**

**A COMPREENSÃO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS CONHECIDAS  
POR ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MARABÁ – PA**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA. PARFOR**

**GILVÔNIA LIMA RAMOS**

**A COMPREENSÃO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS CONHECIDAS  
POR ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura Plena em Geografia do PARFOR/UFPA *campus Marabá*, como requisito para obtenção de Grau em Licenciatura Plena em Geografia, sob a orientação da Prof. Msc. Marcos Mascarenhas.

**MARABÁ – PA**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA. PARFOR**

**GILVÔNIA LIMA RAMOS**

**A COMPREENSÃO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS CONHECIDAS  
POR ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Data de defesa:    /    / 2014.

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Orientador. Msc. Marcos Mascarenhas Barbosa Rodrigues – UFPA

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Abraão Levi dos Santos Mascarenhas – UFPA

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Marcus Vinícius Mariano de Souza – UFPA

**MARABÁ – PA**

**2014**

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha mãe, que sempre me incentivou não me deixando fraquejar e nem desistir.

Agradeço primeiramente a Deus, Sei que “tudo posso naquele que me fortalece”. A minha família que foi de fundamental importância para a realização deste trabalho, mãe Izabel Elisa Ramos, meu pai Arnaldo Francisco Ramos, meus irmãos Geovan e Gilsom ramos, meus filhos Gabriele e Guivelder Ramos e meu esposo Silvamar Souza, no sentido de compreender os momentos de ausência, assim como o apoio que me levou a superar momentos de angústia. E não posso deixar de agradecer a todos os professores que me apoiaram ou colocaram obstáculos a meus anseios, pois me deram incentivos que possibilitou meu crescimento seja pessoal ou intelectual. Alguns professores, eu guardarei sempre em minha memória pela compreensão e respeito em relação as minhas dificuldades. A todos os amigos e colegas de turma, que conviveram comigo esses quatro anos, pela amizade, companheirismo, carinho e todas as palavras de incentivo.

***[...] O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões.  
(Castrogiovanni, 2001)***

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender como algumas categorias geográficas como espaço, região, lugar, paisagem e território estão sendo compreendidas e ensinadas em sala de aula. Para tanto, buscou-se analisar as dificuldades de se trabalhar os conteúdos de Geografia com alunos de 6º ano, público diferenciado pelos desenvolvimentos como, físico, cognitivo, psicológico que os mesmos passam. Devendo ser considerado também as adaptações dos alunos com o ambiente escolar como, o acréscimo de disciplinas, de professores em cada área específica, que no ciclo anterior tinham apenas um professor durante todo o ano. Com base nos dados de nossa pesquisa, procurou-se reafirmar a importância de se trabalhar ancorado na realidade concreta em que estão inseridos os alunos do 6º ano da turma pesquisada. Com isso, percebe-se a necessidade de colaborar com alguns subsídios ao profissional que atua com a disciplina de geografia, no sentido de proporcionar metodologias inovadoras para se trabalhar a disciplina de Geografia, contribuindo para o entendimento do ensino e aprendizagem. Nesse sentido entende-se que a prática docente deve ser comprometida, consciente de seu papel como mediador do conhecimento, não pode e não deve se restringir à matéria propriamente dita, faz-se necessário ir além, despertar o interesse do aluno pela geografia, valorizar os conhecimentos que os mesmos trazem consigo de sua vivência, pois o aluno precisa ser um agente ativo, valorizando assim o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras chave: *ensino, aprendizagem, categorias geográficas.*

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to understand how some concepts of geographic categories are being understood and taught in the classroom. To this end, we sought to analyze the difficulties of working with the contents of Geography students from 6th grade, different audience by developments like physical, cognitive, psychological that they pass. Should also be considered adaptations for students with the school environment, the addition of subjects, teachers in each specific area, which in the previous cycle had only one teacher throughout the year. Based on data from our research, we sought to reaffirm the importance of working anchored in concrete reality in which students are entered 6th grade class researched. With this, we see the need to collaborate with some subsidies to the professional who operates with the discipline of geography, in order to provide innovative methodologies to work for the discipline of Geography, contributing to the understanding of teaching and learning. In this sense means that the teaching practice must be committed, aware of its role as a mediator of knowledge, can not and should not be restricted to the matter itself, it is necessary to go beyond, awakening the student's interest by geography, valuing knowledge that they bring with them their experience because the student needs to be an active agent, thus enhancing the process of teaching and learning.

Keywords: teaching, learning, geographical categories



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	09
<b>2 A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA</b>	12
2.1 A Geografia Crítica	13
<b>3 O ENSINO DE GEOGRAFIA</b>	16
3.1 As Experiências dos Alunos no Processo de Ensino e Aprendizagem em Geografia	19
3.2 Instrumentos que Contribuí para o Ensino de Geografia	23
<b>4 COMO AS CONCEPÇÕES DE PIAGET E VYGOTSKY, PODEM CONTRIBUIR PARA O ENSINO DE FORMA GERAL E EM PARTICULAR PARA A GEOGRAFIA?</b>	29
<b>5 ANÁLISE DA ESCOLA, DAS PRÁTICAS DO PROFESSOR E DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO DE GEOGRAFIA.</b>	37
5.1 Uma Radiografia da Escola.	37
5.2 Análise dos Questionários dos alunos	40
5.3 Análise do Questionário do Professor	46
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	48
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	50
<b>ANEXOS</b>	53

## 1 INTRODUÇÃO

A geografia tem passa por um intenso processo de modificação de seu fazer científico, sobretudo em sala de aula. Temos vivido o processo de modificação do ensino de geografia que se intensificou principalmente a partir da década de 70 do século passado (MOREIRA, 2008). Esse movimento foi chamado de geografia crítica, pois o espaço não poderia mais ser somente compreendido como algo estático, mensurável e descritivo. Havia de se observar daqui para frente às relações existentes nele como, por exemplo, os fluxos, os fixos, o encurtamento dos espaços e a velocidade da informação (SANTOS, 2008). Dai a importância de mostrarmos um que fazer crítico na geografia que ensinamos em sala de aula, pois as problemáticas existentes no espaço geográfico são muitas (CASTROGIOVANNI, 2010).

Nosso trabalho tem por objetivo principal o estudo da compreensão de alguns conceitos das categorias geográficas na escola. Temos que frisado que esses “alguns” são os que mais os professores de geografia se propõem a estudar em sala de aula com os educandos – espaço, paisagem, lugar, região, território – pois são os que mais encontramos discussão nos livros didáticos e também são os de maiores acesso no convívio dos educandos. Por que fechamos nosso objetivo geral dessa forma? É devido sabermos que os conceitos geográficos não são somente esses, mas muitos outros. É também por sabermos que esse tema é um tema que requer um grande período de pesquisa e estudos, que destacamos somente essas categorias.

Para a realização da pesquisa, buscamos fundamentação teórica em pensadores que desenvolveram trabalhos relacionados às temáticas existentes em nossa pesquisa de forma direta e indireta como, Lana Cavalcanti, Helena Callai, Castrogiovanni, César Coll, Izabel Solé, entre outros. E desempenhamos estudos em alguns trabalhos de pesquisadores do desenvolvimento cognitivo no ser humano, a esses demos atenção em dois cientistas, Vygotsky e Jean Piaget. E assim fazendo uma relação dos trabalhos de pesquisa desses com o ensino de geografia.

Por conseguinte, para a metodologia que norteia nosso trabalho de pesquisa, realizamos observações em campo nas aulas de geografia por três meses na turma de 6º ano da Escola de Ensino Fundamental Duque de Caxias, localizada na zona urbana de Marabá. Utilizamos as abordagens

qualitativas, que consiste em justificar nossas impressões em campo para esta pesquisa em forma de questionário subjetivo para professor e alunos da turma sobre o ensino e aprendizagem da geografia e para saber a noção que os educandos têm sobre o tema de nossa pesquisa. Além de discutir nossas observações em campo na escola alvo de nossa pesquisa.

No sentido de contribuir com uma proposta pedagógica de ensino e aprendizagem, e que sirva como orientação importante para a análise, reflexão e atuação em sala de aula no trato das categorias geográficas, o nosso trabalho se fundamenta. Não estamos propondo um referencial igualmente útil para todos os âmbitos em que o professor deve mover-se, nem estamos propondo um modelo suficiente para obter êxito no ensino das categorias geográficas.

Nosso trabalho é dividido em seis capítulos. O primeiro é nossa “INTRODUÇÃO” onde começamos falando de nosso trabalho e de sua estrutura. O segundo tem como tema principal “A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA” no qual falamos sobre a evolução do pensamento científico da Geografia, suas bases epistemológicas e filosóficas, desde os Gregos na antiguidade com suas descrições dos lugares em que colonizavam, até nosso período e o uso da subjetividade da razão humana de forma mais intensa.

O terceiro capítulo “O ENSINO DE GEOGRAFIA” buscamos fazer um debate sobre a proposta da Geografia escolar no presente século, como anda ou como tem sido efetuado na prática seu ensino.

Já no quarto capítulo “COMO AS CONCEPÇÕES DE PIAGET E VYGOTSKY, PODEM CONTRIBUIR PARA O ENSINO DE FORMA GERAL E EM PARTICULAR PARA A GEOGRAFIA?” expressamos os pensamentos e alguns trabalhos de pesquisa desenvolvido por Vygotsky e Piaget. No quinto capítulo “ANÁLISE DA ESCOLA, DAS PRÁTICAS DO PROFESSOR E DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO DE GEOGRAFIA” buscamos defender de forma teórica a prática de nossa pesquisa no ensino da Geografia. Demonstramos uma proposição na prática em uma escola no município de Marabá. Esse capítulo serve como base para esclarecer que o campo do ensino de Geografia torna-se prazeroso, se conduzido com seriedade, com envolvimento, com uma busca constante do saber.

No sexto e ultimo capitulo colocamos uma breve “CONSIDERAÇÃO” de nosso trabalho de pesquisa. Longe de a mesma ser a final, pois acreditamos ainda dar uma continuidade nesse trabalho.

## 2 A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA.

De início deve se comentar alguns pressupostos geográficos necessários a ser desenvolvidos para que se chegasse ao conhecimento do planeta, a distribuição terrestre, a distribuição dos climas, dos modos de vida, das formas de relevo, dos sistemas agrícolas, das paisagens, dentre outros fenômenos. (FILIZOLA, 2009).

O termo geografia, nomeado na Grécia Antiga significa escrever sobre a terra. É interessante observar que bem antes da institucionalização da geografia enquanto disciplina universitária no século XIX, alguns pesquisadores já a utilizavam quando participavam de expedições como o pesquisador Humboldt, que estudava a influência dos fatores naturais sobre a vida das sociedades vivas como vegetais, animais ou humanas. As várias viagens feitas pelo mundo tinham como objetivos principais o de conhecer e explorar territórios situados além da Europa. E para isso ele colhia informações meteorológicas, geológicas, hidrográficas, identificando-as e registrando-as como espécies da fauna e da flora. (FILIZOLA, 2009).

A geografia se institucionaliza enquanto ciência com a contribuição de pesquisadores importantes como Alexander Von Humboldt (1769-1859), Karl Ritter (1779-1859) e Friedrich Ratzel (1844-1904) na Europa especificamente na Alemanha, inicialmente era para atender a formação de professores para atuarem na rede de escolas que já existiam na Alemanha.

No Brasil, só em 1837, é institucionalizada e organizada a geografia nos currículos escolares, com a fundação do Colégio D. Pedro II na cidade do Rio de Janeiro. Essa instituição foi por muito tempo, o único estabelecimento de ensino oficial do país e tinha como objetivo o de atuar na formação de professores voltados ao ensino primário e secundário. (FILIZOLA, 2009).

Segundo Filizola (2009), é de fundamental importância compreender o contexto do surgimento da geografia e principalmente aquele que se remete aos cenários de existência da Geografia no Brasil. O período de institucionalização da geografia se declara de muita relevância na década de 1930, pela criação da Universidade de São Paulo (USP), com a organização dos cursos para a formação dos geógrafos universitários, que tinha como papel seja na Europa ou no Brasil, contribuir para a construção da nacionalidade, ou

seja, associá-los ao processo de formação dos Estados Nacionais, com a centralização do poder assim como a unificação territorial nacional. (FILIZOLA, 2009).

Somente alguns anos depois houve a criação de instituições que se colocavam na busca da legitimidade e da inserção da profissão de geógrafos no país, tais como a Associação dos Geógrafos Brasileiros, Conselho Nacional de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Nesse contexto é interessante observar que a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar percorrem caminhos específicos, embora uma possa servir de referência para a outra, seguem percursos diferentes. Portanto as duas geografias são consideradas importantes, cada uma com suas especificidades no que diz respeito aos objetivos e finalidades do ensino equivalente ao espaço geográfico. Devemos ressaltar a importância das universidades para a escola no sentido da capacitação continuada para os docentes. (FILIZOLA, 2009).

## 2.1 A Geografia Crítica.

Na segunda metade do século XX, a geografia recebe novas fundamentações teóricas em seu fazer científicos, surge uma proposta chamada de “Geografia Crítica”;

O designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente à realidade, frente à ordem constituída. São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo (MORAES, 2007, p. 119).

Os geógrafos Críticos passam a “apontar a relação entre a Geografia e a superestrutura da dominação de classe, na sociedade capitalista. Desvendaram as máscaras sociais” (MORAES, 2007, p. 120).

O professor Gomes (2007, p. 21) esclarece que essa nova proposta vem com novas perspectivas metodológicas para romper com a “perspectiva racionalista, dando vez a uma proposta anárquica e criando objetos ou elementos únicos”. O movimento pós-moderno possibilita o indivíduo a produzir

e criar com maior liberdade a partir de sua inspiração, e como nos afirma Gomes (2007, p. 21) “essa proposta valoriza a subjetividade do indivíduo”.

A Geografia que passa por todos esses séculos, recebe vários cooperadores em sua produção. Ela se modifica gradativamente durante o tempo e se remodela, assim, como o relevo da terra. E em todo esse processo ganha novo status e importância. Em nosso presente século<sup>1</sup>, tem como um de seus muitos méritos, formar cidadãos mais críticos de sua realidade e situação social.

Ainda estamos no processo de consolidação dos novos fundamentos do pensamento geográfico. Acreditamos que o processo de metamorfose no pensamento geográfico seja contínuo, mas ainda há muita coisa ao longo da história que irá mudar e cobrar sempre novas posturas do geógrafo, sobretudo para o ensino dessa ciência, seja no nível básico ou nas academias de ensino superior.

Trabalhar as diferenciações, as especificidades, as várias sensibilidades a partir das múltiplas percepções dos indivíduos no espaço em que vivem, tem se tornado tarefa da Geografia em nosso período, sobretudo na Geografia que se ensina em nossas escolas de hoje.

As mudanças sofridas há trinta anos acrescentam à disciplina uma dimensão capital e entretanto negligenciada: elas mostram o significado da experiência vivida na maneira pela qual os homens constroem o espaço no qual se desenvolvem (CLAVAL, 2010, p. 124).

Nos capítulos que se seguem, expomos algumas considerações de como a geografia anda na escola, os desafios que a mesma tem enfrentando para ser de fato crítica, e quais os fatores que contribuiriam para essa ciência desvendar as máscaras da sociedade.

As categorias geográficas não são trabalhadas de forma estáticas pela geografia crítica, mas a partir da análise mais profundas dessas categorias.

---

<sup>1</sup> O presente subtítulo se refere à Geografia no Séc. XX, pois é desde o século passado que a Geografia tem procurado trabalhar de forma crítica em seu ensino, sobretudo na escola, entretanto nos referimos dessa forma nesse parágrafo, porque ainda a proposta da Geografia crítica não mudou no Séc.XXI, continuando com maior força e ganhando mais espaço para sua discussão.

Como exemplo, pode-se citar a paisagem. Parafraseando Santos (2008), a paisagem não é estática ou só natural ou artificial, ela tem movimento, tem vida, tem cheiro, tem cor. Se o professor não se dispuser de ferramentas como, por exemplo, um simples trabalho em campo como aprendizado dessa categoria, não haverá o real entendimento dessa categoria.

Outra categoria que reque um trato mais fino no que tange um aprendizado mais crítico por parte do aluno é o território, pois sem esse trabalho adequado essa categoria vai se resumir somente a uma questão de demarcação de um espaço, um território físico e vão se esquecer de trabalhar as diversidades culturais as relações sociais diferenciadas que existem dentro de um território.



### 3 O ENSINO DE GEOGRAFIA.

Diante das abordagens sobre o percurso da geografia na história, trataremos um pouco sobre a importância de se refletir o ensino da geografia e que este esteja voltado para a formação dos cidadãos. Trabalhando com o pensamento de desenvolvimento social, o avanço da democracia, da cidadania ativa, dos direitos sociais, culturais, ambientais, desta forma contribuindo para o desenvolvimento do educando perante suas capacidades, habilidades e atitudes apropriadas para essa sociedade democrática, que podem permitir uma realização pessoal. (SOLÉ ; COLL, 2009).

Desse modo, pode-se compreender que a geografia escolar assume na contemporaneidade um papel restaurado na construção e aplicação do conhecimento, mesmo levando em conta que a elaboração do conhecimento, requer tempo, empenho, estímulo afetivo, envolvimento pessoal, assim como ajuda especializada. (SOLÉ, 2009).

Segundo Callai (2005), o ensino de geografia deve ser compreendido desde as séries iniciais, o espaço geográfico considerado mundo da vida é complexo, por isso a criança necessita entender-se a própria no mundo.

Partindo do princípio de que o indivíduo lê e tem contato com o mundo muito antes de ler a palavra, nesse sentido a alfabetização da espacialidade geográfica, acontece desde seus primeiros atos em contato com o mundo enquanto criança. (CALLAI, 2005).

Por meio da leitura do espaço é possível ler o mundo, o indivíduo passa a ser conhecedor das problemáticas existentes na vida, seja no âmbito político, econômico. No sentido de compreender que todas as marcas deixadas pelo ser humano é o resultado da vida em sociedade em busca das suas necessidades de sobrevivência (CALLAI, 2005).

Na visão de Callai (2005), para que o indivíduo possa ter esse pensamento é necessário que o processo de alfabetização geográfica tenha início juntamente com a alfabetização de leitura e escrita, nesse mesmo período de escolaridade a criança deve ser conhecedora de seu espaço de vivência, no momento em que reconhece os lugares, assim como ler os significados que as paisagens expressam.

E para tratar sobre o ensino, em particular sobre o de geografia a concepção construtivista diz que, o sujeito tem potencialidades e características próprias, mas, se o meio não favorece esse desenvolvimento (fornecendo objetos, abrindo espaços e organizando ações), elas não se concretizam. Foi o cientista suíço Jean Piaget (1896-1980), quem cunhou o termo construtivismo, comparando a construção de conhecimento à de uma casa, que deve ter materiais próprios e a ação de pessoas para que seja erguida.

Nesse sentido Mauri (2009, p. 87) compreende pela concepção construtivista, a importância do professor como mediador entre o aluno e a aprendizagem e que com o desempenho de sua função possa refletir sobre o que faz e por que se faz invocando a determinados referenciais que possam conduzi-lo, fundamentando e justificando, comprovando sua atuação, possibilitando a criar contextos, contemplar ações e provocar os alunos para que a aprendizagem ocorra. Para a autora citada acima, “O conhecimento não é incorporado diretamente pelo sujeito: pressupõe uma atividade, por parte de quem aprende que organize e agregue os novos conhecimentos aos já existentes (MAURI, 2009, p. 87)”.

Assim, é necessário que o docente utilize-se das concepções da aprendizagem e do ensino mais apropriadas, no sentido de facilitar a compreensão dos discentes durante as aulas, por exemplo, a construtivista, que se sobressa perante as outras pela importância que se dá a construção do saber por parte do aluno. Dessa forma a integração, modificação, estabelecimento de relações e coordenação entre resumos de conhecimento que já possuímos munido de certo arcabouço e organização que modifica, em ligações e relações, a cada aprendizagem que realizamos a caminho de novos conhecimentos.

Como propõe o Estado, os Pcms (1998) de geografia é de fundamental importância que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos tais como, a observação, descrição, experimentação, analogia e a síntese, pois tais procedimentos devem ser ensinados pelo mediador. Desse modo os alunos possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. Isso não significa

que os procedimentos tenham um fim em si mesmo, pois servem para construir noções, especializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas.

Ainda de acordo com os PcnS,(1998), ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais intencional e consciente. No entanto essa realidade dos alunos. Em contrapartida, porém, é preciso que os educandos os adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos do conhecimento geográfico com os quais este campo de conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar e agir sobre a realidade.

Para Cavalcanti (2003, p. 154), “o bom ensino é aquele que adianta o processo de desenvolvimento, orientando-se não apenas para as funções intelectuais já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento”. O mediador do conhecimento precisa atentar-se para a construção dos alunos diante do que lhe é proposto, para poder intervir nos processos de aprendizagens e desenvolvimentos dos educandos explorando principalmente a área intelectual e social de cada ser.

De acordo com Cavalcanti (2002, p. 39) “o ensino é um processo que compõe a formação humana em sentido amplo, apanhando todas as dimensões da educação: intelectual, afetiva, social, moral, estética, física”. Por isso, necessita estar voltado não só para a construção de conceitos, mas também para o desenvolvimento de capacidade e habilidades para se operarem esses conhecimentos e para a formação de atitudes, valores e convicções ante os saberes presentes no espaço.

### 3.1 As Experiências dos Alunos no Processo de Ensino e Aprendizagem em Geografia.

Desse modo os conteúdos procedimentais em geografia, diz respeito a temas trabalhados nas aulas com o intuito de desenvolver habilidades e capacidades para se operar com o espaço geográfico. Assim, para se compreender o espaço geográfico uma das melhores ferramentas de ensino é a cartografia que trás consigo a capacidade de observação de paisagens, de discriminação de elementos da natureza, de uso de dados estatísticos, cartográficos. Nesse sentido Cavalcanti, (2002, p. 39) diz que:

“a cartografia é um importante conteúdo do ensino por ser uma linguagem peculiar da geografia, por ser uma forma de representar análises e sínteses geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos pela sua localização e pela explicação dessa localização.”

A autora acima citada, afirma ainda que os alunos precisam ter, também, a oportunidade de ler mapas, de localizar fenômenos, de fazer correlações entre fenômenos que ocorrem num determinado espaço. É importante assim o uso do mapa no cotidiano das aulas de geografia, sendo assim, as atividades com mapas devem ser trabalhadas em todas as disciplinas fazendo parte do cotidiano escolar e não apenas nas aulas de geografia.

Nesse sentido, o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social. Desse modo o professor tem o papel de mediador do conhecimento para processo de formação crítica do aluno, ou seja, a mediação do professor é propiciar a inter-relação entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento (conteúdo escolar), (CAVALCANTI, 2005).

Assim o ensino de geografia tem como finalidade básica de ação, sensibilizar o aluno juntamente com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, para que a vivência do aluno possa assim criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise da natureza com a sociedade e como estas se relacionam e quais as dinâmicas resultantes deste relacionamento. (CAVALCANTI, 2002).

Para que as aulas de geografia sejam significativas, cabe aos docentes a responsabilidade de instigar a curiosidade no aluno para que ele possa interagir nas aulas, contribuindo com informações de seu cotidiano. A sociedade está a todo o momento em contato com a geografia através das atividades feitas no seu cotidiano, conforme afirma a autora:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios: vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia. (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

Diante das abordagens da autora Cavalcanti, compreende-se que os indivíduos são portadores de conhecimentos geográficos que adquirem no seu cotidiano e que estes devem ser considerados e sistematizados de forma que os alunos os percebam diariamente em sua vivência.

Segundo os PCNs (1997), para que os alunos compreendam a geografia é necessário que eles se apropriem de forma clara das categorias de análise da própria geografia que são: espaço geográfico, paisagem, território e lugar. E que sintetize aspectos da organização espacial e possibilite a interpretação dos fenômenos que a constituem em múltiplos espaços e tempos. A partir delas, pode-se identificar a singularidade do saber geográfico, ou seja, a realidade como uma totalidade de processos sociais e naturais numa dimensão histórica e cultural.

Ainda de acordo os PCNs (1997), os conteúdos a serem estudados devem promover a compreensão, por parte dos alunos, de como as diferentes sociedades estabeleceram relações sociais, políticas e culturais que resultaram numa apropriação histórica da natureza pela sociedade, através das diferentes formas de organização do trabalho, de perceber e sentir a natureza, de nela intervir e transformá-la, assim como podem desenvolver hábitos e construir valores importantes para a vida em sociedade. Devem permitir também o desenvolvimento da consciência de que o território nacional é constituído por múltiplas e variadas culturas, que definem grupos sociais, povos e etnias

distintos em suas percepções e relações com o espaço e de atitudes de respeito às diferenças socioculturais que marcam a sociedade brasileira.

A geografia trabalha com a espacialidade dos fenômenos em sua temporalidade, entretanto é importante entender a historicidade de sua posição geográfica, assim como a extensão de uma paisagem, a partir das noções de temporalidade e espacialidade, pode ser desenvolvida interdisciplinar, ou seja, desenvolver trabalhos com outras disciplinas, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos relacionadas às noções de espaço e de tempo. O cidadão necessita ser sensibilizado desde sempre para poder saber agir perante as dinâmicas que ocorrem no espaço geográfico, considerando como fruto do trabalho humano pela sobrevivência, entendendo que nessa luta diante de suas necessidades o homem constrói, modifica, destrói a natureza e conseqüentemente a si mesmo.

Ao construir os conceitos de espaço e de tempo, analisando sua história de vida, vinculada com a história do lugar, o professor deve abordar juntamente com os alunos questionamentos, tais como: Como as paisagens foram criadas? Como era o lugar antes da ocupação? Por quem e de que forma o lugar foi ocupado? Como ocorreu o processo de ocupação? Que atividades foram desenvolvidas no local? Dentre estes e outros questionamentos podem proporcionar e facilitar a compreensão do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Cavalcanti (1998), é dessa forma que o aluno começa a relacionar os conhecimentos adquiridos na escola, relacionando-os com seus saberes, assim como é necessário associar essa bagagem de conhecimento numa relação ou escala local/regional/nacional/global. Ao observar o lugar específico (concreto) e confrontá-lo com outros lugares, dá-se início ao processo de abstração, entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido.

Com relação às escalas de análise os PCNs (1998), abordam que somos causa e consequência das relações sociais nas várias formas de observá-las.

Nesse sentido a escala local/global na abordagem de um tema deverá estar sempre levando em consideração que existe uma reciprocidade na maneira como as duas interagem. A entrada num tema pode ser feita tanto de uma forma como de outra. O importante é que não se perca essa relação dialética na explicação, mesmo porque, na realidade atual os meios de comunicação colocam a informação de forma instantânea e simultânea. Portanto, apresentam o mundo onde a dicotomia do local e do global cada vez menos é percebida (p.30).

Para Callai (2000, p. 84), “estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas.”. Assim compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Dessa forma o lugar é compreendido pelas relações históricas, pelos vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares de vivência, tornando importante para o estudo e para a compreensão do aluno que se sente incluído nesse contexto.

Outra categoria do ensino da geografia são as paisagens de análises geográficas que possuem conceitos diferentes no pensamento de alguns pesquisadores, como: Bertrand (2009), que a definiu como resultado sobre certa porção do espaço, da combinação dinâmica e instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que interagindo dialeticamente uns sobre os outros fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução.

Já Milton Santos (1996), conceitua paisagem como o conjunto de forma que exprimem heranças as quais representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza. O autor esclarece que a paisagem não é espaço geográfico, pois de acordo com sua conceituação:

Em contrapartida a paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parado como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço é um par dialético. Complementam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade (SANTOS, 1994 p.72).

Em seguida serão abordados alguns métodos de ensino e instrumentos da geografia e que possibilitam ao professor melhor desempenho ao trabalhar os conteúdos planejados, de modo que possa usar a criatividade tornando suas aulas mais dinâmicas. O importante é a clareza dos propósitos a serem alcançados em relação aos conteúdos de aprendizagem que se pretende trabalhar.

### 3.2 Instrumentos que Contribuem para o Ensino de Geografia.

Um dos instrumentos, que pode ser utilizados pelo professor durante as aulas é o globo, pois pode fazer o aluno compreender com maior clareza a forma da Terra, seus movimentos, estações do ano, além de mostrar em totalidade a forma dos continentes, divisão política do nosso planeta e etc. Outro recurso didático é o mapa. Para Somma (1995), o mapa como auxiliar didático possibilita mecanismos de percepção visual e processos mentais que inter-relacionam o entendimento e a memória. Segundo Passini (1994),

A educação para a leitura de mapas deve ser entendida como o processo de aquisição, pelos alunos, de um conjunto de conhecimentos e habilidades, para que consigam efetuar a leitura do espaço, representá-lo e desta forma construir os conceitos das relações espaciais. (p. 9).

Por isso deve estar sempre à disposição nas aulas, não só exclusivamente na disciplina de geografia, pois a cada assunto que é abordado em sala de aula, podemos estar localizando lugares, o que faz melhor ilustrar as aulas e deixar o aluno melhor se aproximar com a realidade.

O globo pode ser utilizado para que os alunos visualizem os vários lugares da terra, para discutir os espaços geográficos de expulsão e atração de pessoas e discutir as regiões do planeta de produção de matéria prima e de manufatura dessas matérias primas e suas implicações no DIT (Divisão Internacional do Trabalho).

A bússola também pode auxiliar a compreensão dos alunos com relação à localização. Com este instrumento pode-se realizar atividade de localização. Não se pode deixar de mencionar a importância de um dos principais instrumentos de localização da atualidade que é o GPS (Sistema de Posicionamento Global). Em nossa pesquisa, observamos nas falas dos alunos



as dificuldades dos mesmos em localizar um lugar no espaço em que vivem de forma mais científica e coerente por falta de trabalhar com ferramentas que faça com que os alunos compreendam as orientações dos pontos cardeais como norte, sul, leste e oeste. Então quando perguntamos onde se localiza um determinado lugar os mesmos falam usando os termos; é logo ali ou acolá.

Os vídeos ou linguagem cinematográfica também podem ser utilizados como recurso didático pedagógico. Além da escolha mais apropriada do conteúdo que se está desenvolvendo, com o objetivo de reforçar como se localizarem no espaço. É necessário que o professor contextualize e motive a curiosidade dos alunos direcionando-os para um olhar crítico, no sentido de identificarem os conteúdos geográficos direcionados pelo professor.

Dessa forma podem-se trabalhar vários assuntos, dinamizando ainda mais suas aulas. Outro método para dinamizar as aulas é o uso de recortes de notícias de jornais, pois ao mesmo tempo em que se trata de assuntos transversais, podem trabalhando a localização dos lugares que são abordados nas reportagens, podendo assim partir também para um trabalho em mapas.

Na visão de Filizola (2009), as imagens no cinema e a fotografia tem uma importância marcante pela visão crítica de mundo que as retratam, pois é de fácil acesso podendo ser encontradas em livros, revistas, jornais, livro didático, outdoors etc. As imagens também contribuem para que os alunos compreendam melhor o assunto estudado, principalmente para alunos das séries iniciais que ainda estão na fase da construção dos conceitos.

O mediador pode se apropriar desses recursos citados acima nas aulas de geografia, no sentido de fazer uma mediação entre conteúdo e a forma com que os alunos podem se apropriar de tais conhecimentos, pois para grandes pesquisadores da geografia como Callai (2000), o mundo torna-se compreensível para qualquer sujeito a partir de seu espaço vivido.

Com o pensamento de compreender o mundo globalizado na qual estamos inseridos para poder atuar enquanto cidadão responsável pelos seus atos, à geografia se destaca com seus estudos nas constantes transformações da sociedade e natureza, pois está em constante transformação, relacionando o local, regional até o global. Desse modo, ressalta-se o trabalho interdisciplinar, promovendo a articulação entre saberes através de projetos de ensino desenvolvidos, envolvendo a participação da comunidade local.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade proporciona como perspectiva a superação das fragmentações entre as disciplinas, relacionando-as entre si para a compreensão geral das complexidades existentes na realidade.

Para existir interdisciplinaridade, parece óbvio que deve haver, além de disciplinas que estabeleçam vínculos epistemológicos entre si, a criação de uma abordagem comum em torno de um mesmo objeto de conhecimento. Dessa forma, no aspecto epistemológico, o ponto central parece ser o oposto. É fundamental o professor ter profundo conhecimento sobre sua disciplina, sobre os conceitos, conteúdos e métodos próprios do seu campo de conhecimento, para poder dialogar com os colegas de outras disciplinas. (Bittencourt, 2004, p. 256).

A interdisciplinaridade de comum acordo entre os profissionais da educação pressupõe uma organização, uma articulação voluntária e coordenada das ações disciplinares orientadas por um interesse coletivo. Significa dizer que é de fundamental importância, desde que desenvolvida com eficácia para que se possa atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos membros da comunidade escolar, havendo cooperação das ações coordenadas das disciplinas do conhecimento.

Segundo os PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs) (2006):

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai atenção de mais de um olhar, talvez vários.

Assim é preciso que a comunidade escolar crie e desenvolver projetos disciplinares e interdisciplinares, assim como a sistematização dos conteúdos da vivência social e escolares, com o pensamento de proporcionar novo saberes e auxiliar uma aproximação mais consistente com a realidade social. Dessa forma, professores das demais disciplinas, seus métodos, conteúdos e técnicas de aprendizagem, devem buscar a interação, de modo que possam contribuir no processo ensino e aprendizagem, preparando o educando para os confrontos que irá encontrar com outros saberes, tanto na comunidade escolar quanto fora dela.

De acordo com Silva (2002), como procedimentos metodológicos no campo da geografia, descrevo aqui neste trabalho várias metodologias importantes para o entendimento do ensino aprendizagem, como os trabalhos de campo, que devem ser orientados e direcionados pelos mediadores do projeto para a observação, a análise e a interpretação dos fenômenos relacionados com a sua área de conhecimento, respeitando o nível de compreensão dos alunos. Por exemplo, estudo do meio como método de investigação do espaço geográfico, podendo ser trabalhado interdisciplinar e deve ser desenvolvido de forma intencional, através de um planejamento prévio por parte do professor de todas as atividades decorrentes no processo. Na visão da autora, podemos conceituar trabalho de campo da seguinte maneira:

[...] o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição, a representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, o que é o ensino escolar. Ou em decorrência de experiência mais recente vinculada à formulação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes à prática social. (SILVA, 2002, p. 3).

Um trabalho de campo deve obedecer às seguintes etapas: Planejamento e organização que significa a preparação técnica, ou seja, conhecer o local com antecedência, o preparo metodológico e o preparo psicológico dos estudantes, que consiste na elaboração do programa de trabalho, efetivação de providências administrativas e preliminares, assim como a seleção e preparação do material. Realização é o momento de desenvolver as atividades previstas, colher informações no campo como; observação, registro, entrevistas, coleção e preparação de amostras, terminação do trabalho de campo e se possível reconhecimento geográfico de avião. Elaboração dos resultados ou relato de campo consiste na elaboração de um relatório para exposição podendo ser oral, escrito ou audiovisual no qual constem as observações, impressões e os conhecimentos desenvolvidos em decorrência da realização do trabalho de campo. (STERNBERG, 1946).

O trabalho de campo é uma excelente ferramenta para trabalhar orientação e coordenação motora dos alunos. É também um excelente auxílio

para trabalhar o conceito de paisagem no espaço em que vivem. Dessa forma explicamos como é constituída a paisagem principalmente fazendo uso dos conceitos de Santos (2008, p.71) que nos diz que a “paisagem é mutável, é uma sobreposição de tempos e produções sociais”.

Como metodologia de ensino interdisciplinar destacou-se o estudo do meio, que tem como importante fonte de pesquisa o campo e com objetivo de descobrir a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação e como método que pressupõe a dialogicidade, formação de um trabalho coletivo e o professor como pesquisador de sua prática, de seu espaço, de sua história, da vida de sua gente, de seus alunos, tem como criar o próprio currículo da escola, como cidadão, mobilizando de início as sensações e percepções dos alunos no processo de conhecimento para em seguida encaminhar a elaboração conceitual (CORTEZ, 2004).

Ainda segundo o autor citado acima, no sentido de apreender a complexidade do real do Estudo do Meio, faz-se necessária a existência simultânea de muitos olhares, da reflexão conjunta e de ações em direção ao objetivo proposto pelo grupo de trabalho. O projeto de pesquisa Estudo do Meio desenvolve as seguintes ações: O encontro de sujeitos sociais, este é o momento da reflexão sobre a prática pedagógica existentes na escola, quando há uma proposta dos sujeitos sociais de efetuar uma pesquisa, partindo dos objetivos e do conhecimento dos conteúdos, para depois definir o objeto principal da pesquisa, com o pensamento da crítica a compartimentalização do conhecimento em seguida desenvolver o planejamento das possíveis ações interdisciplinares (CORTEZ, 2004).

Na mesma visão o autor diz que no segundo momento é a Visita preliminar e a opção pelo percurso, significa a preparação prévia, com a definição dos instrumentos e das tarefas a serem desenvolvidas. A outra etapa é o Planejamento, inclusive as razões pelas quais se escolheu o roteiro e inicia-se pelos objetivos o planejamento do trabalho de campo Estudo do Meio. O quarto momento é a Elaboração do caderno de campo: fonte de pesquisa, caderno no qual deve haver o levantamento dos instrumentos a serem utilizados, das práticas de coleta de informações, dos diferentes registros como: entrevistas, desenhos, lugares a ser fotografados, da distribuição das tarefas de cada pessoa ou grupo, no sentido de garantir que a pesquisa de

campo tenha qualidade. O último momento da pesquisa Estudo do Meio é A pesquisa de campo reveladora da vida, esse é o momento da entrevista do diálogo com o espaço, com a história, com os colegas e seus conhecimentos e com tantos outros elementos importantes de nossa prática e teoria, quando termina a entrevista as informações adquiridas devem ser sistematizadas em sala de aula. (CORTEZ, 2004).

Com tudo é de fundamental importância que professores e em especial os de geografia desenvolvam seus trabalhos utilizando-se de várias linguagens na qualidade de mediadoras no processo de ensino aprendizagem, de forma a enriquecer as aulas de geografia assim como torná-las mais agradáveis dinâmicas e participativas, por exemplo, o desenho, a pintura, o cinema, a fotografia, a televisão, a literatura, a música, o texto escrito, o mapa e o gráfico, deverão ser utilizados de forma a contribuir para o entendimento das problemáticas existentes entre a sociedade e a natureza e toda dinamicidade entre elas. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009).

#### **4 COMO AS CONCEPÇÕES DE PIAGET E VYGOTSKY PODEM CONTRIBUIR PARA O ENSINO DE FORMA GERAL E EM PARTICULAR PARA A GEOGRAFIA?**

As transformações existentes na sociedade contemporânea exigem que os profissionais de educação sejam considerados importantíssimos e insubstituíveis pela relação direta e constante com os discentes, para que se aprimorem em suas práticas e culturas, juntamente com a família que é de fundamental importância para entendermos como ocorre o desenvolvimento e a relação do educando em seu ambiente familiar, assim como, de governantes e de representantes de classes que lutam pelos mesmos objetivos, contribuindo com seus valores, suas experiências e seus saberes para a melhoria e qualidade social da educação.

Com estudos realizados no campo do desenvolvimento do indivíduo o pesquisador Piaget (2002), afirma que a teoria da interação é importante para que as pessoas se desenvolvam, com a relação com o meio social e natural, ou seja, o desenvolvimento humano como resultado da relação do indivíduo com o ambiente no qual está inserido, partindo das captações sensoriais e motoras, essas sensações são responsáveis pelos incentivos para a reação e comunicação com o meio.

Nesse sentido a criança desenvolve habilidades diversas em cada estágio de sua vida, ou seja, a interação entre o indivíduo e as informações vindas do ambiente e do próprio corpo, entretanto a aprendizagem e as habilidades comportamentais dependem da integridade do processo sensorial, se ocorrer tudo bem com a criança ocorrerá à aprendizagem senão a criança terá dificuldades para compreender e desenvolver.

Piaget (2002), continua a afirmar que esses processos ocorrem na criança por quatro etapas, e cada uma delas com suas características e interligadas entre si, são elas. A primeira etapa é a Sensório-motor que é considerado o primeiro estágio cognitivo da criança que vai de 0 a 2 anos, portanto desde o nascimento até a aquisição da linguagem, ocorre o isolamento e indiferença entre o mundo e ele, só no final do período que a criança passa de uma atitude passiva, em relação ao ambiente e as pessoas de seu convívio, para uma atitude ativa e participativa.

Outro estágio é o Pré-operatório vai de 2 a 6 anos de idade, cuja característica principal aquisição da linguagem, mesmo sem ter domínio das palavras utilizadas por elas, visto que a convivência e a comunicação que estabelece com o adulto são de extrema importância para o seu desenvolvimento linguístico, facilitando a sociabilidade, mesmo apresentando dificuldades de aceitar e compreender o ponto de vista do outro. Nesse período a linguagem acontece a princípio de forma imitativa em suas representações, com o passar do tempo à criança evolui, já no final do período passa a entender suas palavras, sustentando seus pensamentos por conceitos, consegue formar sentenças gramaticalmente corretas (PIAGET, 2002).

O terceiro estágio, é o Operatório Concreto, corresponde dos 6 aos 12 anos de idade, nesse estágio ocorre grandes mudanças reciprocamente, como trocas intelectuais, a criança reflete o pensar antes de agir, a socialização que facilita o trabalho em grupo, sentimentos morais tais como respeito, companheirismo, honestidade, justiça, entre outros. No período anteriormente as operações eram operativas e já nesse período se transformam em operatórias as conservações dos comprimentos, das superfícies, dos conjuntos descontínuos, das igualdades de peso e de volume.

Segundo Piaget (2002), o estágio das operações concretas os instrumentos mentais que vão permitir uma dupla coordenação lógica e moral são construídos pela operação inteligência e pelo afeto, formando-se em operações lógicas, tornando a criança capaz de fazer operações reversíveis, retornando ao ponto de partida, assim como a elaboração de conservação, classificação, seriação, noção de tempo e espaço.

No sentido de compreender melhor as operações na construção e representação do espaço pela criança, o autor citado acima as caracteriza em operações físicas são as exercidas sobre os objetos, dividi-los em partes, colocar, deslocar, reunir as partes, sendo sua constituição em um sistema operatório reversível, mediante a aquisição dos princípios de conservação da substância, do peso e do volume. Em seguida caracteriza as operações espaciais são reagrupadas sob os termos de operações topológicas, que significa relações de vizinhança, da separação, de ordem, de envolvimento e de continuidade.

A terceira operação a ser destacada são as operações projetivas da mesma natureza da anterior o que se difere são as figuras, formas, posições, distâncias são colocadas em relação a um ponto de vista. É a partir da atividade perceptiva e da inteligência sensório-motora que a criança apresenta desde os primeiros meses de vida que ela aprende a manipular algumas relações projetivas.

Mesmo levando bastante tempo a criança adquire as noções fundamentais que estão nas relações projetivas como, direita e esquerda, frente e atrás, em cima, embaixo e ao lado. E como ponto de partida para a representação geográfica, utiliza o seu corpo para estabelecer as relações norte, sul, leste e oeste.

A última operação são as euclidianas apresenta-se paralela as operações projetivas, mas, em lugar de se efetuarem sobre o objeto relativo a um ponto de vista, exprimem as características do objeto ao seu lugar e aos seus deslocamentos.

O último estágio que Piaget aborda é o Estágio das Operações Formais, que se inicia por volta dos doze anos de idade, período que corresponde a adolescência, nesse momento acontece várias transformações na vida do indivíduo tanto físicas, biológicas, como sociais e psicológicas, assim como o pensamento sai do concreto e passa para o abstrato em que as operações lógicas iniciam as transformações e o seu raciocínio torna-se hipotético-dedutivo. Diferente do período anterior que necessita de referências concretas, assim nesse estágio o adolescente realiza as operações no plano das ideias, através da capacidade de reflexão espontânea. Diante do desenvolvimento dessas fases o autor afirma:

A inteligência ocorre por um processo de troca intelectual entre os dois ou mais indivíduos, por um processo de equilíbrio, por meio de cumprimento de regras e relação social. Com isso os indivíduos desenvolvem-se intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio social em que vivem. Piaget (2002).

De acordo com Castrogiovanni (2000), com os estudos de Piaget, a criança passa por três etapas na evolução da forma de apreensão do espaço. Todas essas fases são importantes para o entendimento do desenvolvimento



dos indivíduos, assim como para os docentes da pedagogia que convivem e acompanham o desenvolvimento frequentemente com esses públicos desde os primeiros anos escolares. Já para os professores da geografia é de tamanha importância esse convívio.

O professor precisa ter conhecimento sobre o desenvolvimento dessas fases, para que possa contribuir com sua mediação educacional para a evolução cognitiva do aluno, estimulando com atividades apropriadas durante o estágio em que está acompanhando-o, oferecendo ferramentas necessárias para aquisição do conhecimento, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem.

De todas as fases cognitivas aqui citadas a de maior importância para este trabalho é o terceiro estágio o Operatório Concreto, que corresponde a turma pesquisada do 6º ano, com idade entre 6 e 12 anos, período em que os alunos passam por mudanças físicas, cognitivas, intelectuais, entre outras, geralmente os educandos são agitados, ocorre conversas constantemente que contribuem para a interação entre os mesmos, assim como acontece a socialização naturalmente, pois necessitam desse convívio em grupos para se desenvolverem.

É importante na turma de 6º ano trabalhar de forma lúdica, levando os alunos à compreensão e ao estudo de maneira mais prazerosa, reduzindo os problemas frequentes como desmotivação, falta de atenção, baixo rendimento, e até mesmo de indisciplina, dessa forma facilitar o envolvimento dos educandos no processo de ensino e aprendizagem.

E para o desenvolvimento do trabalho coletivo, a abordagem cognitivista mostra que o professor atua como um incentivador cognitivo e orientador da aprendizagem, que acontece de acordo com os esquemas de assimilação e cooperação que se dá pelos indivíduos, e que os saberes desenvolvidos nesses sentidos podem ser evoluídos e modificados conforme os desenvolvimentos mais complexos de estruturas lógicas do sujeito. Piaget (2002).

No ensino da geografia, segundo Castellar (2011), as contribuições de Piaget consideradas de grande importância são os esquemas de ação, significa dizer que é o desenvolvimento mental assim como a construção do conhecimento. Para tanto a criança precisa perceber o espaço para conseguir

representa-lo, e para que isso ocorra é necessário que seus pensamentos estejam de acordo ao processo de aprendizagem assim como o conteúdo estudado.

Já o pesquisador Vygotsky (1998) se destaca com estudos na relação entre desenvolvimento e aprendizagem no indivíduo e de como ocorrem esses processos no sistema educacional é necessário o entendimento das abordagens interacionistas, que segundo Vygotsky (1998), a importância da corrente filosófica interacionista afirma que a interação do adulto com a criança é fundamental para a formação e organização do pensamento do indivíduo. Nesse sentido a relação que o indivíduo mantém com o meio físico e social é construída a partir de trocas entre sujeito e objeto do conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento humano tornando-se um pré-requisito para que o indivíduo possa aprender ambos simultaneamente.

O aprendizado segue a trilha do desenvolvimento e que o desenvolvimento sempre se adianta ao aprendizado [...]. O desenvolvimento ou a maturação são vistos como uma pré-condição do aprendizado, mas nunca como resultado dele. (VYGOTSKY, 1998, p. 104)

Nessa mesma visão de Vygotsky (1998), o aprendizado e o desenvolvimento da criança estão interligados desde seu nascimento, considerando que o ser humano vive em um meio social, a partir desse convívio a criança se desenvolve, portanto a criança adquire conhecimentos informais antes mesmo de frequentar a escola. Assim quando a criança chega a escola esse conhecimento deve ser sistematizado, dando sentido para suas ações, transformando o que a criança traz de informal para o formal, de forma planejada pela aprendizagem escolar.

Não se ensina conceitos aos alunos, o mediador deve, no mínimo, apresentar direcionamentos, que deverão ser reproduzidas por eles, partindo do princípio de que a relação do indivíduo com o mundo não é uma relação direta, mas sim mediada.

Nesse sentido o autor já mencionado, definiu dois elementos mediadores os instrumentos e os signos. O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e seu objeto de trabalho, é feito especialmente para certo objetivo, por exemplo, o machado corta mais é melhor que a mão

humana. Os signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações, mas sim media palavra mesa, por exemplo, é um signo que representa o objeto mesa. Os signos vão atuar principalmente na memória e na atenção, ampliando a capacidade do homem de interagir com o mundo. (VYGOTSKY, 1998).

Também na concepção de Vygotsky (1993), o papel da linguagem como sistema mediador na transmissão e comunicação entre pessoas. De acordo com o autor já citado, as formas mais elevadas da comunicação humana são possíveis porque o pensamento reflete uma realidade conceituada, porque no desenvolvimento de suas funções superiores o homem desenvolve o pensamento verbal, unindo fala e pensamento.

Daí o autor enfatiza a importância da intervenção pedagógica no processo ensino aprendizagem do indivíduo, visto que a escola pode proporcionar avanços, considerando o indivíduo como um ser social, ativo, autônomo no processo de construção do próprio conhecimento, Vygotsky concebe o ensino como uma intervenção intencional nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, buscando sua relação consciente e ativa com os objetos do conhecimento (Cavalcanti, 1998).

Segundo o autor, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é o lugar que com a ajuda de outras pessoas desencadeia a construção, modificação enriquecimento, e diversificação dos esquemas de conhecimento definidos pela aprendizagem escolar, a ZDP refere-se à distância entre o nível de desenvolvimento real, que são as etapas já alcançadas, desenvolvimento já consolidado, que se costuma determinar através da solução independente de problemas é o nível que pode ser considerado relevante ao início do processo de ensino/aprendizagem. O outro nível é o de desenvolvimento proximal, isto é a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos, determinado pela solução de problemas sobre a orientação de um adulto.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de frutos do desenvolvimento. (VYGOTSKY 1979, p. 97). O autor ressalta também a atividade de imitação como reconstrução individual daquilo que é

observado, é uma oportunidade de a criança realizar ações que estão além de suas próprias capacidades, o que favorecerá para seu desenvolvimento.

Nesse mesmo sentido, para abordar a perspectiva socioconstrutivista o professor deve mediar consciente e intencionalmente a construção do conhecimento e desenvolvimento pelo aluno, sobre a atitude socioconstrutivista (COLL; SOLÉ, 2009):

É **sócio** porque compreende a situação de ensino/aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como uma relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É **construtivista** porque o aluno constrói, elabora seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com a ajuda do professor. (p. 6).

Para que o professor/mediador consiga atuar com eficácia seu trabalho, é necessário desenvolver procedimentos ou ações estrategicamente detalhados e rigorosos em seu planejamento, tais como observar, analisar, os conteúdos os métodos, assim como refletir constantemente sobre o que acontece na aula e mediar diversificadamente, articulando em função tanto dos objetivos como do planejamento, no qual estão envolvidos de forma interdependente, os objetivos e as formas organizativas do ensino de geografia, todos esses elementos devem ser considerados suporte e apoio para a aprendizagem. (COLL; SOLÉ, 2009).

A concepção socioconstrutivista propõe alguns procedimentos de ensino para a preparação das aulas como organizar o ambiente e problematizar o conteúdo a ser estudado.

É de fundamental importância que o professor faça relação do conteúdo atual com o conteúdo estudado anteriormente, bem como ponto de partida o conhecimento adquirido cotidianamente para confrontar com os conceitos científicos. Para isso os conteúdos sejam abordados de forma significativa, que estimule o cognoscitivo, o autoconceito e a autoestima em relação às aprendizagens propostas, incentivando os alunos ao uso das tecnologias, estabelecendo momentos de interação e cooperação entre os alunos, trabalhando as tipologias dos conteúdos relacionados a fatos, conceitos e princípios, procedimentais, atitudinais ou valores, normas e atitudes

vinculadamente, acompanhar e controlar resultados da construção de conhecimentos pelos alunos.

Conforme afirma Vygotsky (1993), em relação ao desenvolvimento intelectual com a prática da cooperação entre sujeitos no processo de conhecimento possibilita a aprendizagem, por meio da internalização:

O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia; deve voltar-se tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento. (1993, p.89).

Com o pensamento de participar ativamente na aprendizagem do educando através da mediação necessita desenvolver com os mesmos, atividades relacionadas às funções em amadurecimento, para torna-las mais significantes, instigantes e desafiadoras para que favoreça a aprendizagem necessária para o entendimento do indivíduo e o mundo.

## **5 ANÁLISE DA ESCOLA, DAS PRÁTICAS DO PROFESSOR E DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO DE GEOGRAFIA.**

### 5.1 Uma Radiografia da Escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, localizada na Rua Sargento Wolf, 167, Vila Militar Presidente Castelo Branco, Bairro de Nova Marabá, cidade Marabá, Pará que tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Marabá, através da Secretaria Municipal de Educação-SEMED.

O espaço que foi cedido pelo exército para o governo do estado em 1981, para a construção da escola é grande, porém o prédio é pequeno, falta espaço para educação física, para recreação, até mesmo para fazerem o lanche, falta biblioteca, almoxarifado, espaço coberto para evento ou auditório, sala de vídeo. A princípio a escola foi criada para atender filhos de militares, que vinham na companhia de seus pais quando destacados para esta cidade, por não haver escola pública próximo da vila militar e devido ao perigo do trânsito dos mesmos pela cidade, sentiu-se a necessidade de fundar uma escola dentro da vila, mas a demanda não era suficiente, abrangendo apenas 10% de alunos, as vagas existentes passaram para o atendimento a sociedade civil que corresponde à maioria dos alunos com aproximadamente noventa por cento de matrículas.

A escola atende ao público fundamental I que corresponde do 1º ao 5ºano (1ª a 4ª) série e fundamental II do 6º ao 9ºano (5ª a 8ª) série, hoje os alunos atendidos por esta instituição de ensino são moradores de várias folhas como 28,17, 8, da própria vila os filhos de militares, mas principalmente da folha 33, folha que não possui escola. A escola é de alvenaria, com 5 salas de aula, cada sala com 2 ventiladores, um laboratório de informática, uma cozinha, dois banheiros um masculino e um feminino, um pátio bem pequeno, um tapiri, uma sala que é dividida em secretaria sala de professores um banheiro e também sala da gestora. Em 2000 ocorreu a municipalização, período em que a escola passou a ser responsabilidade do município.

No turno matutino funcionam as cinco salas de aula, portanto com 5 professoras com os alunos do fundamental I, a gestora as coordenadoras e o professor do laboratório de informática trabalham os dois períodos, uma

secretária, o pessoal de apoio 2 na limpeza e 2 pra fazer a merenda dos alunos. No turno vespertino trabalham 4 pessoas no apoio 2 na limpeza e 2 fazem o lanche, 1 secretário, a gestora, a coordenadora do mais educação e a coordenadora do 6º ao 9º ano e o corpo docente que é composto por 11 professores inclusive o professor que atende no laboratório de informática.

Dessa equipe de educadores, apenas o professor de língua inglesa, com idade de 23 anos, estava cursando sua licenciatura, os demais são todos licenciados cada qual na sua área específica, dentre os docentes duas são mulheres que correspondem à idade de 38 e 45 anos, e os homens são todos com menos de 35 anos de idade.

Na escola tem recursos didáticos importantes como multimídia, computadores, impressoras e a internet como fonte de pesquisa. Como a escola é localizada dentro da vila militar, o exército é parceiro e auxilia sempre que é necessário com reformas, conserto de ventiladores, parte elétrica, entre outras contribuições consideradas de muita importância.

A escola deve oferecer uma educação comprometida com a qualidade do ensino, voltada para a coletividade, com a equipe escolar atuando pautada no sistema de ensino que melhor atenda as necessidades do educando, valorizando as experiências vivenciadas no passado havendo a flexibilidade para novas ideias, buscando a reflexão dos alunos no contexto em que estão inseridos, no sentido de se sentirem cidadãos responsáveis pelo que acontece em sua comunidade e em geral que possam contribuir para as soluções dos problemas sociais, ambientais, políticos econômicos e que percebem que os problemas citados aqui estão interligados, ou seja, se uma dessas áreas estiver com problemas refletirá negativamente nas outras áreas, e que todas são de fundamental importância para todos nós.

Com o pensamento de transformação na comunidade escolar, devemos contar com a participação das famílias envolvidas no contexto escolar, empenhadas no desenvolvimento de seus filhos(as), favorecendo o desempenho dos mesmos no processo de ensino e aprendizagem, a presença dos responsáveis pelos alunos normalmente acontece através de convites para participarem de reuniões escolares para tratar sobre o aprendizado, comportamento, avanços, assiduidade, eventos comemorativos como dia D da família na escola, das mães, dos pais entre outros, assim como, culminância de

projetos como de leitura e escrita, aniversário de Marabá, cultura afrodescendentes, também quando há necessidade de convocá-los individualmente por alguma questão relacionada com o ambiente escolar como quando o aluno quebra algum objeto, briga se machuca, entre outros que é de competência da equipe escolar resolver juntamente com o responsável pelo educando, vale ressaltar que a Escola Duque de Caxias trabalha no sentido de priorizar pela qualidade do ensino.

Visando a melhoria da qualidade de ensino, a escola trabalha com o Programa Mais Educação, com o objetivo de atender os alunos com mais dificuldades de aprendizagem para que eles consigam o mesmo nível dos outros alunos da turma regular, assim como preconizar a educação em período integral, os alunos que estudam pela manhã frequentam o projeto a tarde e os alunos que estudam no período da tarde são atendidos pela manhã por um monitor e a coordenadora do Programa.

A EMEF Duque de Caxias aderiu o Programa Mais Educação em 2010, com o objetivo de garantir as crianças do 2º Ano do 1º Ciclo (1ª Série) do 1º segmento ao 8º Ano (7ª Série) do 2º segmento aulas para melhorar o desempenho escolar dos educando. Inicialmente a escola atenderá 105 alunos distribuídos em quatro turmas e cada turma sobre a orientação de um monitor e em oficinas que contemplam os Macrocampos do Acompanhamento Pedagógico (Letramento e Matemática) e no Macrocampo (Esporte e Lazer), a escola optou pela prática do Handebol, Cultura e Artes pela Dança. Para que esse processo de ensino aprendizagem ocorra o Programa recebe recursos do Governo Federal.

De acordo com Callai (2005), para melhor compreensão do contexto geográfico, o indivíduo deva dar conta de estudar, analisar, compreender o mundo com o olhar espacial, que por intermédio desse olhar, procurar entender o mundo da vida, compreendendo as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais as limitações, condições, possibilidades econômicas e políticas que interferem nesse espaço.

Apesar de alguns programas de ensino interessantes, para melhor desempenho dos alunos nas aulas de geografia, os mesmos necessitam realizar trabalho de campo pelo menos duas vezes por ano para relacionarem a teoria com a prática, trabalharemos com mapas, com atividades coletivas,



como, seminários, pesquisas em grupos com apresentação em slides, leitura de textos compartilhados atividades problematizadas e desafiadoras.

## 5.2 Análise do Questionário dos Alunos

Com a intenção de obter informações, sobre o ensino e a aprendizagem da geografia, assim como verificar o desempenho dos alunos nas questões do questionário sobre os seus conhecimentos em relação às categorias geográficas em que se encontram como conteúdo de aprendizagem no nível de escolaridade da turma de 6º ano, desenvolvemos um questionário com perguntas subjetivas. A intenção era a análise do aprendizado desses alunos em relação as categorias geográficas.

Acreditamos que se torna difícil o trabalho e a compreensão de todos os conceitos de geografia para os alunos do 6º ano devido o desenvolvimento do aprendizado dos mesmos, mas conceitos como espaço, lugar, território e paisagem são conceitos relevantes para os alunos uma vez que esses conceitos estão impregnados em suas experiências de vida.

Segundo Cavalcanti (2002), Os sujeitos questionados devem ter conhecimento sobre o espaço geográfico, não apenas como categoria teórica que serve para pensar e analisar cientificamente a realidade, nesse sentido o sujeito precisa entendê-lo de forma mais ampla porque é algo vivido por eles e resultante de suas ações.

Desse modo, é necessário que o espaço geográfico seja ensinado de modo que os alunos possam compreendê-lo e relacioná-lo com seu cotidiano. Nesse sentido é preciso que os sujeitos entendam a importância de se estudar geografia e aprendam desde suas séries iniciais as principais categorias da geografia, compreendendo assim a importância da sua aprendizagem e de suas ações perante o espaço geográfico no decorrer da vida.

Segundo os PCNs (1997), nesse mesmo sentido corroboram-se a visão de que os alunos percebam na geografia e tenham a compreensão de forma simples das categorias de análise da própria geografia que são: espaço geográfico, paisagem, território e lugar sintetizando aspectos da organização espacial e possibilitando a interpretação dos fenômenos naturais e sociais e de como esses fenômenos ocorrem no espaço.

Ao se analisar a questão número 3 (anexo 1) onde se questionava a importância da disciplina de geografia, foi constatado que a maioria dos sujeitos pesquisados declarou que o estudo da disciplina é importante, porque estuda o planeta terra. Foi constatado também que a maioria dos sujeitos investigados não conseguia relacionar as categorias geográficas com o seu aprendizado escolar. Os alunos não demonstraram algum conceito básico ou mais organizado cientificamente na elaboração de suas respostas, quando questionados sobre a importância de se estudar geografia.

Percebe-se que, pelo nível de escolaridade dos alunos, os mesmos não conseguiram apresentar ideias suficientes para expor suas respostas, no sentido de justificá-las sobre a importância de se aprender geografia, quando questionados sobre o assunto.

3 – Você considera importante esta disciplina? Por quê?  
“mais ou menos porque a gente aprende na rua”(C.S.A.S. aluna do 6º ano)

3 – Você considera importante esta disciplina? Por quê?  
“sim por quê fala muito de paisagem, i ou lugares o di paísis”  
(V.E.P.C. aluno do 6º ano)

3 – Você considera importante esta disciplina? Por quê?  
“sim, porque nós aprendemos sobre relevo, paisagem e outras coisas fascinantes” (H.C.S.L. aluna do 6º ano).

3 – Você considera importante esta disciplina? Por quê?  
“sim porque o professor explica bem e ensina várias coisas que não sabíamos” (E.S.P. aluna do 6º ano)

Já na questão número 1 quando questionados se os sujeitos gostam ou não das aulas de geografia, a maioria declarou que sim, nesse momento os mesmos citaram em suas respostas que o bom relacionamento entre docentes e discentes os incentivam a gostarem das aulas desta disciplina. Na visão da concepção construtivista diz que a relação entre professor e aluno é importante, fazendo com que o professor possa refletir suas atitudes e em, suas práticas pedagógicas de modo que possa favorecer a aprendizagem dos alunos.

Em muitas das vezes, os sujeitos podem até considerar a disciplina importante, mas por não possuírem uma boa convivência com o professor, as aulas de geografia tornam-se pouco proveitosas para ambos, prejudicando

assim o desenvolvimento do conhecimento geográfico dos alunos, assim como as aulas práticas e teóricas do professor.

Vale ressaltar que mesmo com todo empenho do professor para que suas aulas sejam atrativas, significantes, é necessário que os alunos demonstrem interesse pelo estudo da disciplina, caso o contrário todo esforço do professor será em vão. Nesse contexto confirma-se a concepção construtivista de que o professor através da mediação possibilita a criação e a construção do conhecimento aos alunos.

A quinta questão foi realizada com o intuito de descobrir o entendimento dos sujeitos sobre a categoria geográfica território no contexto escolar deles, com o seguinte questionamento:

Você tem seu território demarcado em sala de aula? Por que?  
“Eu tenho meu território marcado na frente pra mim ver melhor”  
(W.D.S.S. aluna do 6ª ano).

Você tem seu território demarcado em sala de aula? Por que?  
“Eu não tenho território marcado porque eu me sinto bem em qualquer um lugar” (J.V.P.A. aluna do 6º ano).

Com as respostas dos mesmos foi perceptível o desconhecimento desta categoria, de todas as categorias da geografia que estavam no questionário, esta foi a de menor entendimento por parte dos educandos, assim, as maiorias dos alunos não possuem território demarcado em sala de aula, dos pouquíssimos alunos que responderam sim, justificaram que gostam de sentar na frente por terem problemas de visão e para entender as explicações do professor.

A categoria que foi percebida o entendimento melhor dos indivíduos foi à categoria paisagem quando levantados os seguintes questionamentos. Que tipo de paisagens você já estudou? O assunto paisagem quando abordado foi relacionado com as paisagens que você costuma ver? Em seguida foi feita uma introdução do assunto já citado, com as paisagens de Marabá, relacionando-as com os vídeos assistidos por eles em sala de aula sobre a cidade de Marabá, desde sua construção até o momento, assim pode-se comparar, analisar, descrever os tipos de paisagens, como a paisagem natural e principalmente a modificada, tanto a rural quanto a urbana. Esses vídeos sobre a cidade de

vivência dos alunos no caso Marabá, foi sugeridos por mim enquanto estudiosa da ciência geográfica e observadora das aulas de geografia.

As respostas dos sujeitos questionados foram mais concisas do que as das outras categorias, entretanto, ainda deixando a desejar o entendimento dos mesmos sobre o assunto paisagem, porque foi visto que para os sujeitos paisagem era somente algo bonito de se ver, privilegiando as paisagens naturais, com o estudo passaram a entender melhor as transformações realizadas pelas pessoas, que são os principais responsáveis pelas mudanças que ocorrem no espaço, com isso, destroem a natureza em prol de si própria, pensando no bem estar apenas do momento.

E para uma compreensão favorável é necessário que os sujeitos possam vir a ter olhares direcionados ou treinados para a observação e descrição geograficamente das paisagens, no sentido de contribuir seu entendimento perante o que acontece naquele espaço, principalmente as relações dos seres humanos com a natureza, assim como, ocorre os fenômenos da natureza com ela própria, a partir da historicidade das pessoas que ali vivem, partindo sempre do visível.

As semelhanças, diferenças e importâncias das paisagens rurais e urbanas e a interligação entre elas, uma paisagem necessita da outra para que ocorram os modos de vida.

Na visão de Santos (2008), a paisagem é complexa de ser observada, porque possuem muitos elementos como, as cores, movimentos, odores, sons, volumes, características sociais e culturais dos grupos das quais vivenciam.

De acordo com Castrogiovanni (2000), com os estudos em Piaget, a partir da apreensão do espaço percebido a criança analisa o espaço, não apenas através do movimento, mas já através da observação, fase importante para a geografia, pois introduz a criança na leitura da paisagem.

Já para o entendimento geograficamente de lugar a autora Callai (2000), afirma que tem de reconhecer o espaço de vivência, as ligações que existem entre as histórias de vida das pessoas e as coisas que acontecem naquele lugar, partindo da historicidade do sujeito envolvido no processo de ensino e aprendizagem.

Com a observação da maioria das respostas dos sujeitos questionados, foi percebido que os mesmos possuem compreensões descontextualizadas e

fragmentadas a respeito do conceito de lugar, pois retratam lugar como cidades diferentes, distantes de si, desvinculadas das relações de seu cotidiano. Estas observações foram constatadas nas respostas dos sujeitos em tal questionamento. O que você entende por lugar? Enquanto a minoria demonstrou um pouco de conhecimento quando declararam em seus questionamentos, que lugar é uma porção do espaço que vivemos nosso dia-a-dia; é onde todo mundo conhece você; é um determinado local onde moramos, ficamos parados ou até mesmo sentamos; é o ambiente ou espaço geográfico onde você está.

O conceito de lugar trabalhado no livro didático utilizado pelos alunos e desenvolvido por Sonia Cunha de Souza Danelli e outros (2007), que apresenta no 1º capítulo “A geografia e a compreensão do mundo”, e para essa compreensão a autora do livro afirma que estes conceitos já descritos aqui são considerados muito importantes para a compreensão do mundo em que vivemos por isso o livro apresenta no primeiro tema, paisagem, espaço e lugar.

Já o conceito de lugar pelo livro didático citado acima, pode-se dizer que é uma porção ou parte do espaço onde vivemos nosso dia-a-dia, em interação com uma paisagem, isto é, numa relação em que nós influenciemos essa paisagem e estabelecemos vínculos.

Na visão de Callai (2000), o lugar não deve ser entendido apenas como uma referência local, mas como uma escala de análise geográfica necessária para se compreender os fenômenos que acontecem no mundo, mas que refletem temporalmente e territorialmente em seu local de vivência. É importante que o local seja tratado como referência constante para a aprendizagem de outros temas, mediando à interlocução e a problematização para que o cidadão se sinta inserido no processo de ensino e aprendizagem, relacionando o estudo com a realidade.

É interessante que os educandos venham a entender que o estudo dos conceitos geográficos é fundamental para a compreensão do mundo, com a categoria lugar poderão chegar à noção de que o seu lugar de vivência é uma fração importante de um espaço maior e que esses espaços estão interligados, ou seja, se relacionam com outros lugares e pessoas, partindo do local até o global. Essas interligações no mundo globalizado podem ser feitas por vários

meios tecnológicos da comunicação e da informação, podendo ser vistas em tempo real por meio da televisão e todas as redes telemáticas.

O discente poderá se apropriar dos meios tecnológicos para trazer para a sala de aula os acontecimentos locais, regionais e mundiais, e relacionar o que está acontecendo no mundo com os conteúdos geográficos, trabalhar os conhecimentos e desconhecimentos dos alunos com as tecnologias, desenvolvendo sua criatividade dos mesmos.

O grande responsável pela definição do espaço geográfico é o ser humano, no espaço pode conter tanto elementos naturais como os culturais, esses elementos podem ser observados com o desenvolvimento das atividades humanas diárias. E devido às transformações feitas pelos seres humanos no espaço geográfico e que determina as diferenças na qualidade de vida das pessoas.

E com as informações adquiridas no espaço escolar os educandos podem vir a ter um olhar diferenciado em relação aos elementos que possui o espaço geográfico e a dinâmica que acontece nesse espaço como, a mudança da paisagem, transformação do lugar, entre outros, ou seja, sentindo a necessidade de contribuir com a preservação do espaço geográfico, pois assim, é uma forma de preservar os rios, a vegetação o relevo, o clima, pois isso tudo faz parte do espaço geográfico e é necessário para sua sobrevivência. Principalmente na região norte que é a região de todos os envolvidos neste trabalho, e é onde ocorre constantemente a devastação do espaço como derrubadas, queimadas, todos os tipos de esgotos são jogados no rio sem nenhum tratamento, comércio ilegal de madeira, de animais, etc.

A disciplina de geografia quando abordada poderá informar os alunos todos esses acontecimentos existentes no espaço geográfico, até porque o livro didático não corresponde a nossa realidade, pois não foi confeccionado na região e a autora não trabalha com as temáticas regionais diversificadas, todas as regiões aparecem no livro da mesma forma, deixando os alunos a par dos acontecimentos de forma restrita.

É de fundamental importância que o livro didático que seja escolhido para ser utilizado em sala de aula aqui na região norte tenha pelo menos um capítulo para tratar das problemáticas desta região, como a região é muito

grande e também interiorana, o livro didático é uma fonte de informação importante para os discentes e para os docentes que aqui se encontram.

Observe o conceito de paisagem que o mesmo livro didático já citado trás como, ela é o conjunto dos elementos naturais e culturais que podem ser vistos em um local. Elementos naturais: formas de relevo (montanhas, serras, planaltos e planícies), hidrografia (rios, lagos, oceanos e mares), vegetação; e culturais: casas, prédios, pontes, rodovias, plantações e aqui em nossa região pode ser destacada também a ferrovia e a ponte rodoferroviária, assim como, todos os elementos citados aqui neste conceito devem ser abordados dentro da realidade do educando que se for a mesma do educador com certeza favorecerá na compreensão de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Mediante as respostas dos alunos em questionamentos e minha observação em sala de aula nas aulas de geografia, pode-se concluir que o professor de geografia está inserido na concepção de ensino tradicional, apesar de evoluções no campo de ensino como utilizar como metodologia trabalhos em grupos, seminários, ainda assim acredito-me, não só pela forma de abordar estas metodologias o professor se encontra tradicional, como utilizar frequentemente o livro didático, não fazer pesquisa em campo, não trabalhar com projetos interdisciplinares e várias metodologias com que trabalham a concepção de educação construtivista.

### 5.3 Análise do Questionário do Professor.

Sobre o questionário do professor a primeira observação a ser feita é que o mesmo não é formado em geografia, sua primeira formação é em história. Foi-lhe perguntado há quanto tempo ele trabalha com essa disciplina – geografia – e o mesmo respondeu a mais de cinco anos. Logo percebemos que o professor talvez em sua formação de história não tenha discutido esses conceitos que acreditamos ser peculiares da ciência geográfica.

A segunda observação a ser feita é que a escola não oferece ferramentas adequadas para se trabalhar com a disciplina. Há um planisfério defasado, mapas também bastante antigo, não há bússola, termômetros, GPS e outras ferramentas que poderiam auxiliar os alunos na compreensão mais adequada das categorias geográficas.

Observamos que o professor não tem certo domínio dessas categorias geográficas e isso com certeza deve-se a sua formação inicial que não é em geografia. O mesmo se prende muito no livro didático o que o faz esquecer-se de trabalhar com ferramentas apropriadas na geografia que citamos agora a pouco. Sua aula é sempre um bom resumo do livro e se prende basicamente neste livro e em seu resumo. Observamos que a aula não fica interessante para os alunos. O professor, por exemplo, poderia fazer uso de trabalhos em campo com o uso de ferramentas como o GPS, a bússola e mapas para que os alunos aprendam a definir o seu lugar mais cientificamente. Mas o mesmo afirma da dificuldade de a escola comprar essas ferramentas.

Um terceiro fator que acreditamos ser comprometedor da melhor qualidade do ensino de geografia e da compreensão das categorias geográficas é o trabalho excessivo do professor para ganhar mais relativamente. O mesmo se desdobra em algumas escolas do município e inclusive de noite e assim não sobra tempo para buscar uma formação em geografia ou mesmo uma formação continuada em sua área que é história.

Assim, cremos que a geografia fica comprometida, inclusive o seu ensino em sala de aula que não passa de uma mera mensuração de dados, teórica, descritiva, única e absoluta não dando margem a uma crítica, a uma discussão em sala de aula entre professor e aluno.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da necessidade de um conhecimento mais integrado dos conteúdos geográficos e a importância de se levar o aluno à compreensão e ao estudo de maneira prazerosa, estimulante e crítica, reduzindo os problemas de indisciplina, falta de atenção, desmotivação. Concentrei este trabalho no processo de ensino e aprendizagem das categorias geográficas, que integra as metodologias utilizadas para que ocorra da melhor forma a aprendizagem, relacionando o conhecimento científico com o cotidiano.

De acordo com a contemporaneidade, é necessária uma mudança na forma que vem sendo ensinada a geografia em sala de aula, é importante pensar na formação do cidadão crítico e participativo, posicionando-se com entendimentos geográficos diante dos acontecimentos desde o local até o global, de forma a facilitar sua atuação em seu espaço de vivência.

A geografia, como já dito anteriormente, desenvolve vários caracteres no processo de seu pensamento científico, e o que a geografia vive em nosso século nos permite dialogar com os objetos e ações da sociedade no espaço geográfico. Essa possibilidade da geografia se faz importante, pois nos possibilita compreender o mundo em sua “totalidade”.

E essa proposta da geografia mais envolvida com a compreensão do espaço geográfico morada do homem, chega à escola na primeira metade do século XX. A geografia na escola tem sido objeto de análise e de mudança metodológica para uma produção científica. Repensar a geografia em sala de aula é tarefa muito árdua e requer por parte do professor um espírito investigador, questionador, sensível, coeso, habilidoso, compromissado, entre outros. Em nossa percepção devemos ensinar o aluno ler nas entrelinhas de sua vida diária e isso requer muito trabalho por parte da geografia na escola.

Os problemas de falta de compreensão por parte do aluno no ensino de geografia é um desafio que só nos deixa mais motivados para tentar encontrar meios de torna mais atraente o trabalho com essa ciência. Percebemos que há um tripé professor, aluno e escola e que não estão necessariamente nessa ordem de importância, mas que necessita de investimento através do estado, de uma valorização da sociedade para que

decerto não somente o ensino de geografia, mas todas as outras ciências na escola.

Com isso, observamos dentro da escola a falta de prática pedagógica no processo de ensino/aprendizagem, sobretudo no ensino de geografia. Percebemos que é muito desconsiderado o desenvolvimento ou a reprodução de processos técnicos no ensino/aprendizagem como meios que auxiliem o desenvolvimento da percepção do aluno em sala de aula. Daí a importância de tornar o processo educacional como meio investigativo para a produção científica.

O que percebemos em nosso estudo é que a geografia torna-se crítica quando há um envolvimento de todos os indivíduos no processo de ensino/aprendizagem. Ou seja, quando o educador mais o educando se envolvem de forma dialética na busca da compreensão e apreensão da realidade vivida por todos eles. E isso não se torna tarefa fácil, mas não é de tudo impossível cabendo que todos esses indivíduos se envolvam e se sintam parte do processo de ensino/aprendizagem.

Cabe a nós enquanto docentes procurarmos explorar ao máximo essa prática pedagógica, pois acreditamos que o maior desafio está centrado no ensino e na pesquisa e estarmos atentos tanto no processo do conhecimento e na produção do espaço geográfico.

E por parte do estado, deve haver maior investimento no material humano, pois do contrário ainda vamos nós enquanto professores de sala de aula reproduzir uma geografia estática e os alunos ainda continuarem a se comportarem como sempre sem serem críticos, reflexivos e questionadores. Nosso trabalho ainda não acaba por aqui, temos a crença de continuar com nossa proposta no futuro. Cremos que esse trabalho há de ajudar no sentido de nos despertarmos para um trabalho mais instigante e comprometido em sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CLAVAL, Paul. Terra dos homens: a Geografia. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí, Unijuí, 2011, 320 p.b

CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: Sonia (org). **Educação Geográfica: teoria e práticas docentes**. SP: Ed. Contexto, 2011, 38-50.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et. al.* (Org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Ed. \_ Porto Alegre: Editora da UFRGS, Associação dos geógrafos Brasileiros. Seção Porto Alegre, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002. 127p.

COLL, César; *et. al.* **O construtivismo em sala de aula**. Trad. Claudia Schilling. 6. Ed. – São Paulo: Ática, 2009.

Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS) Letras / Fundação Universidade do Tocantins, EADCON. Palmas: Educon, 2008. 546 p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e modernidade. 6ª Ed. Bertrand Brasil, 2007.

LA TAILLE, Yves de, *et. al.* **Wallon: Teoria psicogenética em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena historia critica. 21ª Ed. São Paulo: Anna Blume, 2007.

### **ORIGENS - A ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS (AGB) E O CENÁRIO DE SEU SURGIMENTO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA**

Charlles da França Antunes FFP/UERJ

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.

PIAJET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

PONTUSKA, Nídia Nacib *et. al.* **Para ensinar e aprender Geografia.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo, EDUSP, 2008.

SILVA, Maria do Socorro Ferreira. **Laboratório de ensino em Geografia.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

SONIA, Cunha de Souza. Projeto Arariba: Geografia. São Paulo: Moderna, 2007

VYGOTSKY, Lev. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

[www.revistapsicologia.ufc.br/index](http://www.revistapsicologia.ufc.br/index).

[www.revistaescola.abril.com.br](http://www.revistaescola.abril.com.br)

VITTE, Antônio Carlos. **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

**ANEXOS.**

## QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO (A)

Escreva seu nome completo

---

Escola em que estuda

---

Turma \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

1- Você gosta das aulas de geografia? Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

2- Quantas aulas você tem por semana de geografia?

---

3- Você considera importante esta disciplina? Por quê? \_\_\_\_\_

---

4- Além do livro didático, quais são os outros recursos que o professor costuma utilizar nas aulas de geografia, como por exemplo: música, filme, poema...?

---

---

5- Você tem seu território demarcado na sala de aula? Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

6- Que tipo de paisagens você já estudou? O assunto paisagem quando abordado foi relacionado com as paisagens que você costuma ver?

---

---

7- Você sentiu muita diferença do ano escolar anterior para o 6º ano? Quais foram às diferenças? \_\_\_\_\_

---

8- O que você entende por lugar? \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1. Qual é o seu nome completo?

---

2. Em quais ou quais escolas você trabalha?

---

3. Há quantos anos atua como educador?

---

4. Durante seu período profissional sempre ministrou a disciplina de geografia, ou também trabalha ou trabalhou com outras disciplinas qual ou quais?

---

---

5. Você atua em quais ou quais instituições de ensino:

( ) municipal ( ) estadual ( ) particular

6. Qual ou quais os turnos que você trabalha:

( ) matutino ( ) vespertino ( ) noturno

7. Qual é sua situação no mercado de trabalho:

( ) efetivo(a) ( ) contratado(a)

8. Qual é a sua formação profissional:

( ) médio Qual curso ? \_\_\_\_\_

( ) superior incompleto Qual curso ? \_\_\_\_\_

( ) superior completo Qual curso ? \_\_\_\_\_

( ) pós graduação Qual curso ? \_\_\_\_\_

Outros \_\_\_\_\_

Onde cursou seus estudos \_\_\_\_\_

9. Em relação aos recursos utilizados por você em sua prática docente, com que frequência utiliza o livro didático na sala de aula?

( ) uma vez por semana ( ) duas vezes por semana ( ) mais de duas vezes

10. Quais os recursos que você como docente utiliza em sala de aula?

( ) música ( ) poema ( ) filme ( ) data show ( ) outros